

A presença do nome do animal *gato* em expressões fixas do português

The presence of the animal name cat in fixed expressions of portuguese

*Luciana Massai do Carmo**

**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Resumo: Tomando como base a teoria da Gramática de Construções e o conceito de expressão fixa inserida no âmbito da fraseologia, este artigo se propõe a analisar algumas expressões fixas do português retiradas do *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* e do *Dicionário Aulete Digital* que contenham o nome do animal “gato” em seus itens lexicais constitutivos e sua possível relação com a simbologia desse animal, que são: “à noite todos os gatos são pardos”; “gato escaldado (tem medo de água fria)”; “gato morto”; “gatos pingados”; “gato por lebre”; “fazer de gato e sapato”; “quem não tem cão, caça com gato” e “viver como cão e gato”. Para tal análise, foram coletados exemplos autênticos de uso dessas expressões no *Corpus* do português e no *Corpus* brasileiro.

Palavras-chave: Fraseologia. Expressão fixa, Nomes de animais. Gramática de construções. Simbologia.

Abstract: Based on the Grammar Constructions theory and the concept of fixed expressions, this article proposes an analysis in Portuguese for some expressions that brings up word “cat”, the animal name, in its lexical constitutions and their possible relationship with the symbolism of this animal shown in the dictionaries, *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* and *Dicionário Aulete Digital*: “a noite todos os gatos são pardos”; “gato escaldado tem medo de água fria.”; “gato morto”; “gatos pingados.”; “gato por lebre”; “fazer de gato e sapato”; “quem não tem cão, caça com gato.” e “viver como cão e gato”. For this analysis, were collected a set of authentic usage examples defined in the Brazilian Portuguese *Corpus* and in the Portuguese *Corpus*.

Keywords: Phraseology. Idiomatic expressions. Animal names. Constructions Grammar. Symbolology.

1 Introdução

As expressões fixas (EFs) merecem uma maior atenção e devem ser integradas de modo sistemático no inventário dos elementos lexicais que constituem construções da linguagem. Para este trabalho foi adotada a definição de EF de Fulgêncio (2008) que coloca o termo como uma sequência de palavras que é memorizada em bloco pelos falantes sem a necessidade da aplicação de regras gerais da língua, de forma idiossincrática e não-composicional.

As EFs são extremamente usuais e podem representar um obstáculo à compreensão, oral ou escrita, mesmo entre falantes nativos de um mesmo idioma. A presente análise representa, pois, relevante objeto de investigação, envolvendo a maneira como um povo se expressa e também sua cultura. A existência de EFs que contêm animais domésticos pode ser explicada devido a maior proximidade entre esses animais e o homem. E, mais especificamente as EFs que contenham o nome do animal “gato”, podem ter surgido a partir de referências relativas à simbologia desse animal, conforme será abordado posteriormente neste artigo.

As EFs analisadas neste trabalho foram retiradas do *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*¹ e do *Dicionário Aulete Digital*² que apresentam o nome do animal “gato” em suas estruturas e os exemplos autênticos de uso das referidas expressões foram retirados do *Corpus do Português*³ de Davies e Ferreira (2006) e do *Corpus brasileiro* coordenado por Sardinha (2004)⁴ e com auxílio da Fapesp.

2 O conceito de expressão fixa (EF)

No âmbito dos estudos da fraseologia, estuda-se as sequências fixas, ditas EFs, tais como as expressões idiomáticas ou idiomatismos, provérbios, colocações, dentre outras. De forma a delimitar o trabalho, este artigo se deterá apenas nas expressões idiomáticas (EIDs) e nos provérbios, ambos presentes no conjunto de EFs.

As EFs aqui analisadas já se encontram cristalizadas em sua forma e significado,

1 HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0.5a. São Paulo: Objetiva, 2002. 1 CD-Rom.

2 CALDAS AULETE, Francisco Julio. *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <www.aulete.com.br>.

3 DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

4 SARDINHA, T. Beber. *Corpus brasileiro*. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>>.

assim, pela sua fixidez e pela sua amplitude de uso, as EFs passam a ser analisadas como uma unidade, e como tal, merecem mais detalhamentos por parte dos estudos da linguagem.

Nesse sentido, a teoria da Gramática de Construções mostra-se eficaz para a análise das EFs, uma vez que ela se preocupa com a relação entre forma e significado e com a natureza da competência linguística do falante, o que deve ser levado em conta ao se analisar uma EF em um idioma.

Muitas vezes as EFs de uma língua são tidas como algo à parte, ou seja, uma listagem que não entraria dentro dos princípios de uma gramática tradicional. Isso é considerado um equívoco, pois tais expressões são frequentes e altamente estruturadas, portanto dignas de uma análise mais detalhada. Com isso, pretende-se analisar as construções das EFs que contenham o nome “gato” sob a ótica da Gramática de Construções.

3 Expressões idiomáticas (EIDs) e provérbios

Este artigo endossa o conceito de EID da teoria da Gramática de Construções, aliado à definição proposta por Xatara (1998, p. 170): uma “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Assim, as EIDs são sintagmas complexos que não devem ser analisados separadamente (teoria construcional), já que Ferrari (2011, p. 129) afirma que “léxico e sintaxe não constituem módulos separados, mas um *continuum* de construções”.

Fulgêncio (2008) define EID como uma expressão caracterizada pela convencionalidade do tipo semântico, ou seja, o significado global da sentença não é formado a partir da somatória do significado das palavras que compõem a expressão. Assim, as EIDs são aprendidas como um todo e memorizadas globalmente. Outra característica de uma EID é que sua interpretação não é previsível.

Fillmore (1988) afirma que uma EID é uma locução que possui uma interpretação por parte de um falante competente da língua. A teoria de Fillmore trata uma EID como uma construção que faz parte do saber coletivo e que é semanticamente convencionalizada, de forma que, para compreender o significado de uma EID, não basta saber o significado das partes (análise componencial), mas sim o todo (conhecimento pragmático).

O outro tipo de EF analisada neste artigo são os provérbios. Segundo Fulgêncio (2008), provérbios são frases prontas, usadas na maioria das vezes de forma não-literal. Os provérbios expressam uma afirmação que muitas vezes apresenta um conteúdo moral. Nem sempre os provérbios têm compromisso com os fatos relatados ou expressam uma verdade.

E, segundo Alain Rey (apud LACERDA et al., 1999, p. XIV),

todos os provérbios possuem em comum um certo tipo de conteúdo. Suas afirmações são gerais ou generalizáveis, [...]. Quando não afirma (utilizando então um verbo no presente ou eliminando o verbo, para assinalar a ausência de tempo histórico), o provérbio aconselha ou ordena, recorrem do ao imperativo, [...] etc.

3 Criação das EFs pelos falantes

Muitas vezes o falante usa sua criatividade com o léxico de sua língua de forma a expressar seus sentimentos e emoções de forma satisfatória. Com isso, busca construções mais apropriadas para conseguir expressar-se em uma determinada situação de comunicação. Para que isso ocorra, o falante recorre ao eufemismo, sarcasmo, ironia, etc, que muitas vezes, pode estar relacionado a um determinado símbolo e, segundo Orlandi (2005), a simbologia de um discurso está na base da produção da existência humana.

Lopes (1987) afirma que o falante, usuário competente de sua língua, utiliza-a de forma criativa e inusitada, denominando tal atitude de “salto da imaginação criadora”. Assim, o falante seleciona combinações dentre todas as possibilidades existentes no sistema e que estão dentro de sua competência linguística para produzir uma EF que se oficializa se seu uso já estiver cristalizado na língua, sendo memorizada em bloco pelos falantes (FULGÊNCIO, 2008).

Segundo Fillmore (1979), nem todos os aprendizes de uma língua, considerados *falantes ingênuos*, têm a oportunidade de conviver diretamente com a maneira de cada comunidade linguística ao expressar-se em sua língua. Assim, tais falantes não são capazes de interpretar determinadas EFs, uma vez que seu significado se dá de maneira convencional por parte de uma determinada comunidade linguística.

4 A simbologia animal e escolha do tema animais

Muitas culturas concebem os animais como símbolos devido as capacidades que os diferem dos seres humanos. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2007), em diferentes culturas pode-se notar a relação homem-animal, podendo simbolizar uma relação pacífica ou hostil. O homem sempre atribuiu aos animais um grande simbolismo moral, instintivo, emotivo,

sensorial, erótico, por meio de EFs tais como: provérbios, EIDs, colocações, dentre outras.

Ao compor sua construção, uma EF pode-se valer de variados temas pertencentes ao léxico de uma língua, tais como: partes do corpo, cores, estados físicos ou mentais, crenças, profissões, graus de parentesco, vestuário, etc., e também os animais, que é, na verdade, uma das escolhas possíveis, uma vez que a simbologia dos animais é rica e variada. Os animais são considerados símbolos tradicionais, daí sua vasta presença em várias línguas. Nesse sentido, a representação animal vai além do seu significado literal, passando a ser um objeto escolhido pelo falante para simbolizar algo.

Assim, a escolha do tema “animais” neste artigo justifica-se pelo fato das construções relacionadas a esse tema constituírem uma das áreas de interesse em que uma comunidade linguística busca para criar uma EF. Conforme já relatado na introdução deste artigo, as EFs que contêm animais domésticos como o “gato” são mais recorrentes em uma língua, devido a sua maior proximidade com o homem.

Muitas EFs são criadas a partir de zoônimos, mas serão analisadas aqui apenas algumas EFs que incluem o nome “gato”. Pastore (2009), estuda EIDs brasileiras e americanas, fazendo um estudo contrastivo no campo da simbologia animal a partir de *corpora*. Pastore verificou, em sua análise, como os animais estudados estão intrinsecamente ligados ao comportamento e modo de vida das culturas envolvidas de sua pesquisa. Pastore observou que a simbologia dos animais nos Estados Unidos e no Brasil pode, por vezes, ser parecida, diferir, entremear-se ou mesmo manifestar influência de outros países. Ainda segundo esse estudo, verificou-se que, em 59% das expressões idiomáticas analisadas, há, nos equivalentes, a presença de outros animais que não aqueles da expressão em inglês. Nas 41% das expressões idiomáticas restantes, observou-se que, na tradução das mesmas, foi mantido o mesmo animal da expressão idiomática em inglês. Assim, verificou-se que alguns animais são tão frequentes simbolicamente na cultura americana quanto na cultura brasileira.

5 Por que construções com o animal gato?

Em processos de construção de uma EF, o falante escolhe usar itens lexicais pertencentes ao mundo que o rodeia, como é o caso dos animais, em especial dos gatos, que são animais domesticados pelos homens e que há muito o rodeiam.

O animal “gato” foi visto ao longo da história por diferentes culturas como um aliado das forças do mal ou como um ser divino digno de culto (PASTORE, 2009). O gato é um animal individualista, de hábitos noturnos e sentidos muito apurados, principalmente a visão e a audição.

O simbolismo do gato é muito heterogêneo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007), podendo apresentar tendências benéficas ou maléficas, o que se pode explicar pela atitude ora terna, ora dissimulada e misteriosa desse animal. No Japão, por exemplo, o gato é considerado um animal de mau augúrio (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007). Já o no Egito antigo, o gato era venerado, assim como na cultura mulçumana. A partir da idade média, esse animal foi alvo de crenças e superstições, simbolizando nesses casos o mistério, a má sorte e a maldade, por isso, muitas vezes são desprezados e por vezes sacrificados. Outra simbologia que passou a se relacionar a esse animal é com relação à esperteza e à agilidade. Em muitas tradições, o gato preto simboliza a obscuridade e a morte. A curiosidade também faz parte da simbologia desse animal, pois frequentemente ele pode ser encontrado em locais inesperados e de difícil acesso.

A simbologia que há por trás do animal “gato” e sua herança histórica passou a fazer parte integrante do mundo humano e, com ele, se construíram diversas EFs que poderiam ou não ter se originado por essa influência.

6 Tipologia e exemplos de uso das EFs analisadas

As EFs não são apenas um aglomerado de idiosincrasias lexicais, mas combinações convencionais de relações sintático-semânticas e pragmáticas regulares dentro de uma irregularidade (TAGNIN, 1988). Este trabalho adota a análise tipológica baseada nos aspectos morfossintáticos e semânticos das EIDs proposta por Xatara (1998). Segundo a autora, há dois elementos definidores de uma EID: sua estrutura e sua conotação.

Quanto à estrutura das EIDs, Xatara (1998, p. 3) afirma que elas podem ser sintagmas nominais (SN), como ‘cabeça de bagre’; sintagmas de função adjetival (SADJ), como ‘são e salvo’; sintagmas de função adverbial (SADV), como ‘por baixo do pano’; sintagmas verbais (SV), como ‘bater as botas’ e sintagmas frasais (SF), como ‘O gato comeu a sua língua?’. Já a natureza estrutural dos provérbios é mais rígida que a das EIDs, pois os provérbios são enunciados autônomos e raramente vêm acompanhados de algum tipo de complementação.

O aspecto referente à conotação se encontra em um nível mais abstrato da linguagem. Esse nível depende de uma convenção social que varia de uma língua para outra. Dessa forma, para designar um objeto do mundo tem-se representações linguísticas distintas. Nesse aspecto, Xatara (1998, p. 4) classifica as EIDs em ‘fortemente conotativas’, quando todos os seus elementos contam com ausência de significado, sendo difícil recuperar a motivação semântica da expressão, como em ‘fazer das tripas coração’ e ‘fracamente conotativas’, quando é possível resgatar o valor semântico de uma EID, como em ‘matar a fome’. Os

provérbios também possuem sentido figurado ou conotativo, mas não são tão gradativos como as EIDs.

As EFs aqui listadas são construções que variam em grau de fixidez e convencionalidade nos níveis sintático, semântico e pragmático, pois algumas apresentam verbos que são passíveis de variações, outras são mais cristalizadas, variando assim, sua tipologia.

Os exemplos abaixo listados foram retirados do *Corpus do Português* de Davies e Ferreira, (2006) de forma a ilustrar usos autênticos das construções coletadas, a saber:

1. *À noite todos os gatos são pardos.*

A EF acima é caracterizada como sendo um provérbio devido a sua maior cristalização. Os provérbios operam no nível pragmático da convencionalidade (TAGNIN, 1989), ou seja, no uso da língua em um contexto e se caracterizam por sua rigidez estrutural. Essa expressão não aceita praticamente nenhum tipo de mudança em sua estrutura. Contudo, é possível observar uma possibilidade de alternância das preposições “à” e “de”.

Abaixo exemplos⁵ de uso dessa expressão:

- (1) [...] - *E Castigo de Mãe? Onde foi que se meteu? - Sei lá. Vamos ver as garotas - diz Alfinete. - Fumaça fica por aqui. - Encravado senta-se no meio-fio, em frente ao pardieiro. - Puxa, cara, isso tá caindo aos pedaços - comenta Dito. - **De noite todos os gatos são pardos.** O gaiato que entrar aqui só tá de olho na mulher.[...]*
- (2) [...] *Durante os famosos blecautes totais **à noite todos os gatos são pardos** e no aperto ninguém diferencia uma barbie de um clubber. [...]*

5 (1): “Infância dos mortos” de Jose Pixote Louzeiro, 1977. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x4.asp?t=26237&ID=21031475>>. Acesso em: 08 out. 20016.

(2): *Corpus Brasileiro* v. 2.3 Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl>>. Acesso em: 08 out. 2006.

Essa EF não se encontra no *Dicionário Aulete Digital*, nem no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Portanto, a presente análise propõe a seguinte definição para essa EF: às escuras não se pode bem conhecer ou avaliar uma pessoa ou coisa. O contexto de uso dessa EF nos exemplos supracitados reflete a imprecisão de se avaliar determinadas coisas pelo falante. É possível dizer que esse provérbio poderia ter se originado da simbologia misteriosa e supersticiosa atrelada ao animal “gato” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007). O contexto de uso atual dessa expressão reflete uma tendência positiva no seu uso, uma vez que a qualidade de se camuflar com facilidade, às vezes, pode ser bastante conveniente.

2. Gato escaldado (tem medo de água fria).

Essa EF é também caracterizada como sendo um provérbio devido a sua maior cristalização. No caso dessa expressão, não é possível nenhuma inserção em sua estrutura, mas a mesma pode sofrer uma redução, ficando apenas “gato escaldado”. Abaixo exemplos⁶ de uso dessa expressão:

- (3) [...] *O cão tem dúvidas em atravessar, o seu mundo mais chegado e conhecido é o das ruas altas, e apesar de ver que o homem olha para trás enquanto desce a Rua da Padaria, ao longo do que seria, há séculos, o pano de muralha que ia até à Rua dos Bacalhoeiros, não se atreve a continuar, talvez o medo de agora se torne insuportável por lembrança dum susto antigo, **gato escaldado tem medo de água fria**, o cão também. [...]*
- (4) [...] *Embora o autor seja **gato escaldado**, seu novo livro sai cercado de expectativas, com um sabor talvez inesperado de desafio [...]*

No exemplo acima, a expressão foi usada de maneira geral para fazer referência a

6 (3): “História do cerco de Lisboa” de José Saramago. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x4.asp?t=26115&ID=24692454>>. Acesso em: 08 out. 2016.

(4) *Corpus Brasileiro* v. 2.3. Disponível em: <<http://www.linguatca.pt/cgi-bin/aceso.pl>>. Acesso em: 08 out. 2016.

um “susto antigo”, ou seja, algo desagradável já ocorrido. Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* a expressão significa “pessoa com experiência que sabe se livrar de perigo(s)”. Essa definição proposta pelo dicionário *Houaiss* carece de maiores detalhes para uma interpretação eficaz dessa EF. Outra possível falha é o uso do termo ‘perigo(s)’ que não parece ser apropriado, pois existem outros contextos de uso dessa expressão que não acarretam periculosidade, como pode-se observar através do exemplo 4. Portanto, de forma a complementar a definição proposta pelo dicionário *Houaiss*, esta análise apresenta a seguinte definição: provérbio utilizado para dizer que quando alguém faz alguma coisa e sofre com isso, jamais voltará a fazê-la novamente sem tomar algum tipo de precaução. O enunciado tem esse sentido, pois se o gato um dia se escaldou, nunca mais vai querer tomar banho.

Simbolicamente, é conhecido o pavor que os gatos têm de banho (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007), conseqüentemente, o gato que foi escaldado, ou seja, caiu água quente nele, não irá querer voltar a tomar um banho nem com água fria, pois realmente já não sabe mais a diferença. Portanto, esse provérbio traz um ensinamento, o que é uma característica desse tipo de EF.

3. *gato morto*.

Essa EID tem a tipologia de um SN e quanto ao nível de conotação, pode-se afirmar que ela é ‘fortemente conotativa’, pois não é possível resgatar seu significado semântico a partir de seus elementos “gato” e “morto” separadamente (XATARA, 1998). Uma EID é caracterizada por sua convencionalidade semântica, na medida que seu significado é dado a partir de uma convenção social entre seus falantes. Abaixo um exemplo⁷ de uso dessa expressão:

- (5) [...] *Será necessário que analisemos os juízes que têm de julgar o sr. João Alfredo? Serão eles solidários com o liberalista desabusado? Ou reconhecem, como nós, que o sr. Rui Barbosa não tem por fim senão resignar-se ao papel de **gato morto**, para ver se apanha um distrito na futura partilha do Estado? [...]*

7 (5): “A Campanha Abolicionista” de José do Patrocínio. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x4.asp?t=123&ID=3702946>>.

Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, a expressão significa “pessoa que faz tudo o que se lhe mandar; instrumento; brinquedo.” O exemplo 5 mostra o uso dessa expressão, pois atribui a Rui Barbosa um papel submisso e passivo. Voltando à simbologia do animal “gato”, este é reconhecido por sua agilidade e esperteza, de modo que um gato morto perderia tais características, o que poderia justificar a origem dessa expressão.

4. *gatos pingados*.

Essa EID possui a tipologia de um SN e seu significado semântico não pode ser resgatado por partes da expressão sendo, por isso, 'fortemente conotativa'. Apresenta uma estrutura que pode incluir variados verbos, como um verbo transitivo direto como *ter*, *reunir* ou intransitivos como *aparecer*, *chegar*. O verbo dessa estrutura pode sofrer variações, como por exemplo: *Na reunião apareceram só uns gatos pingados*. A EF “gatos pingados” não é passível de inversão e pode ocorrer também no singular. A seguir um exemplo⁸ dessa construção:

- (6) “[...] *E vou conversar com* **Ciro Roza em Brasília, terça-feira, 27 de julho de 1997** *Guilherme Araújo resgata as lembranças da noite carioca Estado – Você atribui-se o título de inventor da noite carioca? Guilherme Araújo - Sem modéstia. Até metade dos anos 60, cantor brasileiro reunia gatos pingados na platéia.*”

A expressão *gatos pingados* não se encontra no *Dicionário Aulete Digital*, nem no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. A expressão significa uma pequena quantidade de algo; geralmente é usada para referir-se à pessoas. E, segundo o professor Ari Riboldi no seu livro *O Bode Expiatório*, a expressão estaria vinculada a uma prática de tortura japonesa em que se derramava óleo fervente em criminosos ou animais, sendo os gatos as maiores vítimas. Poucas pessoas ficavam assistindo a essa macabra tortura, restando apenas

8 (6): *Sem título*. Guilherme Araújo, 1997. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x4.asp?t=26541&ID=26381601>>.

os gatos pingados com óleo no local. Porém, o uso atual dessa expressão não carrega a carga negativa de sua origem, sendo usada apenas para referir-se a um número reduzido de algo em um determinado local, conforme é possível observar no exemplo 6.

5. *gato por lebre*.

A EID acima possui a tipologia de um SN e pode ser classificada como 'fortemente conotativa'. Sua estrutura pode incluir um verbo transitivo direto como *comer*, *comprar* ou *vender* ou indireto como *dar*. Os elementos dessa EID são fixos e não são passíveis de inversão. Veja um exemplo⁹ dessa construção:

- (7) [...] *Eu faço-lhe muitas vezes chouriço com ovos, é rápido, ou então bifes. Aquiesço e sorrio para dentro, com vontade de lhe perguntar: de cabeça chata? Mas não sei que presciência é a desta mulher que nos vai direita ao pensamento, porque se volta para mim e me dispara à queima-roupa: não cuide a senhora que lhe dou gato por lebre, não. Olha quem, o meu Figueira! Bifes de alcatra! E batatas fritas, ali uma pratada delas de cada vez. [...]*

Essa expressão encontra-se tanto no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, quanto no *Dicionário Aulete Digital* e é usada pelos falantes para dizer que alguém foi enganado por algo ou por uma pessoa. Atentando-se à simbologia do gato em contraposição à da lebre, enquanto o animal “gato” está relacionado com a má sorte, esperteza e agilidade; o animal “lebre” possui uma simbologia relativa à inocência, fertilidade, abundância, crescimento e agilidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007); o que poderia ser a base de uma possível origem para essa construção. No exemplo 7 acima pode-se observar que a comparação dos animais “gato” (inferioridade) e “lebre” (superioridade) conforme sua simbologia foi feita pelo comerciante com o intuito de alertar a consumidora para uma possível enganção.

9 (7): “O pouco e o muito - crônica urbana” de Irene Lisboa, 1956. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x4.asp?t=26153&ID=22889800>>.

6. *Fazer (alguém) de gato e sapato.*

Essa EID possui a tipologia de um SF composto por SV + SN + SPREP + “E” + SN e é classificada como 'fortemente conotativa'. Apresenta uma estrutura que inclui um objeto direto (fazer alguém) seguido por um verbo flexionado, como por exemplo: *Te fiz de gato-sapato; Ela me fez de gato-sapato*. Porém, o SPREP e o SN são fixos, não permitindo inversão em sua estrutura e flexão de gênero e número. Abaixo alguns exemplos¹⁰ de uso autêntico dessa expressão:

- (8) “[...] - *O que quer isto dizer? Mariana - Ai, o que está ele a fazer? Jorge - Estes são os sinais da ordem. (Faz os sinais) Mariana - Está doudo! Jorge, segurando-as pelos punhos - A senhora tem feito de mim seu gato e sapato; e a senhora, seu moleque; mas isto acabou-se! [...]*”

A expressão se encontra tanto no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, quanto no dicionário de *Caldas Aulete*. Uma possível associação dos elementos dessa expressão poderia ser metonímica (sapato para couro de gato) e metafórica (gato e sapato), ambos com foco nos maus tratos. Segundo Riboldi (2007), a origem seria a situação mais humilhante que poderia acontecer com um gato, ou seja, ser subjugado sob as patas de um cão, seu maior rival. O exemplo acima reflete essa origem, pois a construção *fazer de gato e sapato* é usada frequentemente pelos falantes com um significado de explorar, humilhar e dominar, o que pode ser percebido pelo exemplo (8) através das falas das personagens.

7. *Quem não tem cão, caça com gato.*

Essa EF é caracterizada como sendo um provérbio devido a sua estrutura ser completamente cristalizada, além de introduzir um ensinamento. É comum em língua portuguesa os provérbios se iniciarem por um pronome relativo como o “quem” da EF acima. Exemplo¹¹ de uso dessa expressão:

10 (8): “Os irmãos das almas” de Martins Pena. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x4.asp?t=461&ID=11842713>>.

11 (9): “A noite sobre Alcântara” de Josue Montello, 1978. Disponível em:

- (9) [...] *Minha mulher morreu, os filhos foram embora. Fiquei só com os pretos. Uns morreram, outros fugiram, mas alguns ficaram, e é com esses que vou fazendo das fraquezas força. Até quando, não sei. Vou me arranjando como Deus é servido. Quem não tem cão, caça com gato. Mas sei que estou remando contra a maré.*[...]

O provérbio acima não se encontra no *Dicionário Aulete Digital*, nem no dicionário *Houaiss*. Uma possível definição para essa EF seria: provérbio usado quando se quer improvisar uma determinada ação na ausência de uma outra opção mais eficaz ou satisfatória. O animal “gato” nessa EF é colocado de forma inferior ao animal “cão” que é simbolicamente considerado um bom caçador (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007). Assim, levando-se em consideração que o gato é um animal que caça apenas para sobrevivência própria, é inútil utilizá-lo em uma caçada, fato que é executado com extrema destreza pelos cães.

8. como cão e gato.

A EID acima apresenta a tipologia de um SADV que pode incluir o verbo “viver” ou o verbo “brigar” que geralmente não sofrem variações de pessoa, apresentando-se quase sempre na terceira pessoa do plural, dado que essa EID é usada para referir-se a dois seres. Essa EID é classificada como ‘fracamente conotativa’, uma vez que seu significado semântico pode ser resgatado através de seus elementos constituintes. Essa EID também pode apresentar-se na estrutura “como gato e cachorro” conforme verbete do *Dicionário Aulete Digital*, não apresentando dentro do *corpus* analisado inversão e flexão de gênero e número. Veja um exemplo¹² abaixo dessa EID:

- (10) [...] *Pois é o que lhe digo, o Malafaia, em negócio de amor, é dos que são maridos das mulheres dos outros. Ela era leviana, depois a política absorve como a mais apegadiça das concubinas. Vai a madama tresvaira, primeiro*

<<http://www.corpusdoportugues.org/x4.asp?t=26239&ID=21141262>>.

12 (10): “Os insubmissos” de Afonso Ribeiro, 1946. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/x4.asp?t=26169&ID=23580609>>.

*com um deputado, a seguir com um tenor, um sobrinho, **como cão e gato**. Hoje o Malafaia possui a mais formosa armadura de todo o reino. [...]*

Essa EID muito provavelmente é de origem metafórica a partir da tradicional rivalidade entre o cão e o gato. A expressão aparece tanto no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, quanto no *Dicionário Aulete Digital*. A origem provável dessa construção diz respeito ao instinto de caça dos cães que, antes de domesticados, necessitavam caçar para sobreviver (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007). Os gatos, ao encontrarem cães, se sentem ameaçados e se arrepiam, entrando rapidamente em modo de defesa e saindo correndo para longe. Essa reação dos felinos estimularia o comportamento dos cães de caçadores e uma perseguição seria o próximo passo mais lógico.

7 Uma leitura final das EFs analisadas

O animal “gato” há muito está presente no cotidiano do ser humano, integrando inclusive muitas de suas EFs. Como foi relatado, ao longo da história várias são as características que marcaram esse animal, tornando-os ora apreciados e valorizados, ora desprezados e maltratados. Abaixo tem-se um quadro contendo uma tabela resumitiva com todas as EFs analisadas neste trabalho:

Quadro 1. Tabela resumitiva das características das EFs analisadas

EF	Trata-se de uma EID?	Trata-se de um provérbio?	Simbologia positiva, neutra ou negativa do animal “gato”?	É passível de variação em sua estrutura?	Presente no Dicionário Aulete Digital?	Presente no Dicionário Houaiss?	Descrição semântica
1. À noite todos os gatos são pardos.	NÃO	SIM	POSITIVA	SIM	NÃO	NÃO	As escuras não é possível reconhecer pessoa ou coisa.
2. Gato escaldado tem medo de água fria.	NÃO	SIM	POSITIVA	NÃO	SIM	SIM	Referido à experiência de vida; aquele que sabe livrar-se de perigos.
3. gato morto.	SIM	NÃO	NEGATIVA	SIM	NÃO	SIM	Aquele que faz tudo o que lhe mandam.
4. gatos pingados.	SIM	NÃO	NEUTRA	SIM	NÃO	NÃO	Pequena quantidade de algo.
5. gato por lebre.	SIM	NÃO	NEGATIVA	SIM	SIM	SIM	Ser enganado.
6. Fazer de gato e sapato.	SIM	NÃO	NEGATIVA	SIM	SIM	SIM	Explorar.
7. Quem não tem cão, caça com gato.	NÃO	SIM	NEGATIVA	NÃO	NÃO	NÃO	Provérbio usado para improvisar algo.
8. como cão e gato.	SIM	NÃO	NEUTRA	SIM	SIM	SIM	Estar sempre brigando ou em conflito.

Fonte: Compilado por Luciana Massai do Carmo a partir de Fulgêncio (2008), Xatara (1998) e Tagnin (1989).

Algumas das características mais aludidas nas EFs analisadas são com relação à má sorte, à maldade, à obscuridade e ao mistério relacionadas ao animal “gato”. Com isso, percebe-se que a maioria das EFs analisadas mencionam o animal “gato” de forma depreciativa e maléfica. Já as demais EFs analisadas não carregam em seu contexto de uso tais características pejorativas da origem simbólica desse animal. Talvez, pode-se afirmar que ao cristalizar uma EF, a sociedade que legitima esse discurso também deixa transparecer outros valores já legitimados, como crenças e superstições.

Outro ponto que se mostrou relevante a partir do Quadro 1 diz respeito a presença ou não das EFs analisadas em dois dicionários bem conceituados da língua portuguesa já citados neste artigo que foram utilizados como fonte de consulta. As expressões “À noite todos os gatos são pardos”; “gatos pingados” e “Quem não tem cão, caça com gato” não se encontram registradas nesses dois dicionários. Seu registro mostra-se importante, uma vez que tais EFs são usuais no português. Outro ponto relevante é com relação à estrutura das EFs: geralmente as EIDs são passíveis de mudanças em suas estruturas; já os provérbios possuem uma estrutura mais estanque e rígida.

Assim, mostra-se a necessidade de se estudar de forma mais detalhada o léxico de uma língua através de suas EFs dentro de uma perspectiva diacrônica, como um modo de conhecer seus aspectos linguísticos, históricos e culturais.

Referências

BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1970.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. *Dicionário contemporâneo da língua Portuguesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1987.

_____. *Minidicionário contemporâneo a língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

_____. *Dicionário Aulete Digital*. Disponível em: <www.aulete.com.br>.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: José Olympio, 2007.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

FALCÃO, P. C. S. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais*. São José do Rio Preto, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomatity in grammatical constructions: The case of let alone. *Language*, v. 64, n. 03, p. 501-538, Sept. 1988.

FULGÊNCIO, Lúcia. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. 5. ed. São Paulo: Objetiva, 2002. 1 CD-Rom.

LACERDA, Roberto Cortes; LACERDA, Helena da R. C.; ABREU, Estela dos Santos. *Dicionário de Provérbios – Francês • Português • Inglês - Provérbios franceses definidos por Didier Lamaison*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999 (consultada a 2.^a edição, 2004).

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Volume I. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. W. *Investigations in cognitive grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009.

LOPES, E. *Metáfora: da retórica à semiótica*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PASTORE, P. C. F. Expressões idiomáticas americanas e brasileiras: um estudo contrastivo baseado na simbologia animal. *Revista Trama*, v.5, 2009.

Portal do Município de Itu. Disponível em: <www.itu.com.br/geral/noticia/animais-silvestres-e-domesticos-saiba-a-diferenca>. Acesso em: 15 mar. 2015.

RIBOLDI, Ari. *Bode Expiatório: origem de expressões, palavras e ditados populares*. 2. ed. São Paulo: Age, 2007.

SARDINHA, T. Berber: *Corpus brasileiro*, 2004. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl>>.

TAGNIN, S. *O jeito que a gente diz: expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

TRESIDDER, J. *The Complete Dictionary of Symbols*. San Francisco: Chronicle Books, 2005.

XATARA, C. M. *A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês*. Araraquara, 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

LUCIANA MASSAI DO CARMO

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais na área de Linguística Teórica e Descritiva - Variação e Mudança Linguística. E-mail: massai.luciana@gmail.com.